

PROCESSO DE LEITURA NO CONTO *VERDE LAGARTO AMARELO*: ANÁLISE DA AMBIÊNCIA NARRATIVA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Fernanda Michels Gomes¹⁴²
Márcia Adriana Dias Kraemer¹⁴³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conto, tema desta pesquisa, possui a premissa de expressar muito apesar de sua brevidade, utilizando palavras para criar cenários que se desdobram diante do leitor. Uma parte de suma importância para a trama é a atmosfera narrativa. Este estudo, portanto, almeja compreender a construção da ambiência no texto-enunciado do gênero discursivo conto, de Lygia Fagundes Telles, *Verde Lagarto Amarelo* (Telles, 2009[1970]). Com efeito, pretende-se analisar o construto teórico do gênero conto literário, a fim de entender como esse aspecto da construção arquetípica pode transcender sua função meramente descritiva, desempenhando um papel ativo de complexidade e de impacto na composição da narrativa, com possível engajamento do leitor.

Nesse viés, o objetivo geral é analisar a natureza constitutiva e orgânica do gênero conto, sob a perspectiva dialógica da linguagem, explorando suas manifestações e dinâmicas contextuais e linguístico-semióticas, direcionadas ao processo de leitura, a fim de compreender em que medida se constrói a ambiência da narrativa em textos de Telles (2009[1970]). Os objetivos específicos são: a) estudar a linguagem em perspectiva dialógica, com foco no gênero discursivo conto; b) pesquisar sobre a ambiência narrativa na teoria literária em relação ao conto; c) identificar como se constrói a ambiência narrativa no conto *Verde Lagarto Amarelo* de Telles (2009[1970]), com foco na leitura e na análise linguística de base dialógica.

Esta pesquisa justifica-se em função do desejo das pesquisadoras de conhecerem e entenderem a influência que a ambiência exerce em uma narrativa. Considera-se que é muito mais do que criar cenários, reflete as emoções e as tensões, assim como as características culturais, históricas, políticas e os desafios e as motivações que refletem e refratam os personagens (Bakhtin, 2016[1979]; Kraemer, 2014).

Logo, a investigação torna-se viável, em função de que os dados gerados são mensuráveis e a pesquisa apresenta coerência pela importância da literatura na vida do sujeito social, em função de que um de seus objetivos precípuos ser a humanização. Esse pressuposto coaduna com o axioma de Candido, para o qual a literatura tem o papel social de constituir os sujeitos: "[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante" (Candido, 1995, p. 117).

¹⁴²Acadêmica do Curso de Letras —10º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza. fernandamichelsgomes@gmail.com

¹⁴³Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR, Bolsa Capes. Orientadora. Professora do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza e Campus Chapecó. marcia.kraemer@uffs.edu.br

1 METODOLOGIA

A metodologia adotada, por sua vez, envolve uma análise contextual e linguístico-semiótica, relacionada à ambientação, revisando criticamente a literatura dos contos de Telles (2009[1970]). Ao final deste artigo, espera-se proporcionar uma compreensão mais profunda, não apenas dos contos abordados, mas também da relevância da ambiência literária na construção de significados e na produção de sentidos dos textos-enunciados em análise.

Assim, o percurso metodológico caracteriza-se como de uma pesquisa teórica, fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2016[1976]; 2003[1979]; Volóchinov, 2018 [1929]), de cunho qualitativo-interpretativo, de acordo com a Linguística Aplicada – LA (Moita Lopes, 2006; Kleiman; Vianna; De Grande, 2019), com fins explicativos (Lima, 2008). A geração de dados acontece por documentação indireta, bibliográfica e documental, a partir do estudo teórico e do *corpus* investigativo. O método de análise principal é dialético, uma vez que seu foco é no processo e não somente nos resultados, tendo como procedimentos secundários o método histórico e comparativo (2007; Lima, 2008).

2 A AMBIÊNCIA NARRATIVA E TEORIA LITERÁRIA EM CONTOS

A ambiência narrativa, elemento central nos contos, transcende a descrição física do espaço e atua como força estruturante na produção de sentidos. Conforme Kraemer (2014), a ambiência articula cenário, clima e atmosfera, influenciando diretamente nos personagens e no tom valorativo do texto. A literatura, nesse sentido, é compreendida como espaço privilegiado para a criação estética e crítica, permitindo ao leitor experimentar os enredos de modo sensível e participativo. Faraco (2010), ao relatar sua iniciação à leitura por meio de um livro da infância, exemplifica como a ambientação pode cativar e formar leitores. A partir dessa imersão, o leitor constrói sentidos e se envolve emocionalmente com o universo ficcional, tornando a ambiência narrativa um mediador entre texto e experiência.

Essa mediação se aprofunda com a perspectiva do Círculo de Bakhtin, cuja teoria dialógica compreende a linguagem como prática social, ideológica e interacional. Brait (2010), com base em Bakhtin (2016[1979]), destaca a inseparabilidade entre literatura e cultura, argumentando que o texto literário reflete as múltiplas vozes sociais e históricas em constante conflito e transformação. Assim, o conto, como forma breve e intensa, condensa esses elementos, tornando-se um espaço discursivo de resistência, imaginação e questionamento. Jolles (1976) e Friedman (2004) reiteram essa ideia ao indicar que o conto permanece renovado a cada leitura, dada sua capacidade de representar o mundo em sua pluralidade e mobilidade, promovendo a reflexão estética e crítica.

No campo específico da narrativa fantástica, a ambiência adquire contornos ainda mais significativos. Conforme Ceserani (2006), ela funciona como espaço liminar, provocando hesitação e estranhamento tanto nos personagens quanto nos leitores, por meio de descrições sugestivas e recursos como elipses, teatralidade e narração em primeira pessoa. Kraemer (2014), ao articular as contribuições de García (2007), ressalta que o insólito, frequente nesse tipo de narrativa, opera como crítica ao pensamento vigente, ampliando o alcance ideológico e estético do conto.

Bachelard (2008[1957]) e Collot (2013[2005]) reforçam a importância da ambiência como manifestação sensível da subjetividade, em que o espaço não é apenas representado, mas vivido e interiorizado, promovendo uma experiência literária profunda e afetiva.

Por fim, entende-se que a ambiência narrativa atua como catalisadora de sentidos na literatura, integrando elementos simbólicos, históricos e sensoriais em diálogo com o leitor. Conforme Reuter (2004 [1996]), o conto evolui juntamente com os processos de escolarização e as transformações culturais, consolidando-se como gênero apto a refletir e tensionar a experiência humana. Em consonância com a estética do Círculo de Bakhtin e dos estudos fenomenológicos de paisagem, como os de Collot (2013 [2005]) e Bachelard (2008[1957]), a ambientação torna-se não apenas um componente estético, mas ético e epistemológico, revelando-se um instrumento essencial para a compreensão da literatura como forma de conhecimento, engajamento e transformação cultural.

3 A AMBIÊNCIA NARRATIVA EM VERDE LAGARTO AMARELO

O conto *Verde Lagarto Amarelo*, de Lygia Fagundes Telles (2009[1979]), tematiza a fragilidade da mente humana diante das dinâmicas afetivas e sociais que se instauram no núcleo familiar. A relação entre os irmãos Eduardo e Rodolfo, marcada por afeto contido, ressentimento e rivalidade, revela os efeitos psíquicos da repressão emocional e da idealização materna. Tal configuração narrativa conduz o leitor a um espaço introspectivo, em que o passado atua como catalisador de conflitos internos e memórias traumáticas, ressaltando o impacto das relações fraternais na formação da subjetividade. O enfoque recai sobre o campo psicológico e simbólico, evidenciando como o silêncio, a culpa e os afetos reprimidos se tornam elementos estruturantes da identidade dos personagens, especialmente de Rodolfo, cuja instabilidade emocional reflete a violência simbólica imposta pelas normas sociais conservadoras.

No plano composicional, o conto apresenta uma estrutura que rompe com o modelo tradicional de enredo linear, priorizando a introspecção e o fluxo de consciência como formas de expressão narrativa. A organização interna baseia-se na sobreposição de três planos temporais: o presente da visita de Eduardo, o passado remoto da infância dos irmãos e o plano subjetivo da consciência, no qual memórias e sensações fragmentadas emergem sem hierarquia temporal. Conforme Reis (1984), o conto moderno tende a valorizar a condensação e a densidade psicológica, em detrimento do clímax convencional, o que se confirma na escrita de Telles (2009[1979]). A autora constrói um enredo em que os gestos, os silêncios e as imagens simbólicas — como a fantasia de *verde lagarto amarelo* — funcionam como disparadores da memória e da tensão latente entre os personagens, instaurando um clima de ambiguidade e introspecção que se estende até o desfecho aberto.

Do ponto de vista estilístico, a narrativa evidencia um trabalho sofisticado com a linguagem, articulando escolhas lexicais, fonológicas, morfosintáticas e semânticas de maneira funcional e expressiva. Há predominância de vocábulos sensoriais e afetivos, assim como de estruturas sintáticas fragmentadas e marcadas por pausas, reticências e interrogações, o que espelha a instabilidade emocional do narrador e reproduz seu fluxo de consciência. Tais recursos linguísticos criam uma

textura discursiva marcada por tensão, ambiguidade e densidade valorativa, conforme propõe a perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin (2010[1973]), segundo a qual o enunciado carrega uma posição axiológica e se inscreve em relações sociais e ideológicas complexas. O uso recorrente do pretérito, a alternância de pronomes pessoais e a coesão referencial e sequencial reforçam o caráter memorialístico do conto, estabelecendo uma interlocução implícita entre narrador, personagens e leitor, ao mesmo tempo em que revelam a tentativa do sujeito de compreender sua própria história.

A narrativa de Telles dialoga criticamente com discursos sociais dominantes, como a normatividade familiar, o machismo estrutural e a patologização das emoções. Conforme Zilberman (2005), a autora recorre ao silêncio, à sugestão e à fragmentação como estratégias discursivas para evidenciar os conflitos invisíveis que perpassam o cotidiano, especialmente no ambiente doméstico. Nesse sentido, a interdiscursividade com os campos da psicanálise e da crítica social permite que o texto ultrapasse o plano individual e assuma uma dimensão ética, ao questionar as formas de opressão afetiva e a exclusão da sensibilidade no universo masculino. A literatura de Telles (2009[1979]), assim, reconfigura o espaço familiar como palco de tensões simbólicas e afetivas não resolvidas, reafirmando a memória como lugar de disputa identitária e o silêncio como linguagem potente — uma estética do não dito que constitui uma de suas marcas mais significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise contextual e linguístico-semiótica, fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem, permite compreender a ambiência narrativa em *Verde Lagarto Amarelo* de Telles (2009[1970]) como elemento central para a construção do enredo e revelação da subjetividade do protagonista. A narrativa articula-se por meio de três pilares — físico, psicológico e sociocultural — que configuram espaços vividos, os quais moldam as memórias, os afetos e a identidade de Rodolfo. Cada detalhe, gesto, objeto e silêncio são signos que dialogam internamente e com o leitor, traduzindo tensões emocionais e passados vívidos, o que reforça a coautoria na produção de sentidos e a densidade simbólica da obra.

Além disso, o espaço narrativo é apresentado como reflexo do drama existencial do personagem, amplificando ressentimentos, dores e angústias, o que evidencia a capacidade da obra de Telles em retratar a complexidade da condição humana. O estudo confirma que a ambiência narrativa se configura como uma das forças motrizes do conto, ao apresentar, sob a ótica dialógica, a busca do sujeito por autoafirmação em meio a memórias dolorosas. Embora o objeto de análise não se esgote, a investigação contribui para ampliar a compreensão do gênero conto e pode subsidiar práticas docentes voltadas à análise sociológica da linguagem e das múltiplas vozes presentes na narrativa literária.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. (1957). **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008. BAKHTIN, M. M. (1979). **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. (1973). **Problemas da Poética de Dostoievski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRAIT, B. **Literatura e Outras Linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

CANDIDO, A. (1983). **Vários Escritos**. 13. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CESERANI, R. **O Fantástico**. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

COLLOT, M. (2005). **Poética e Filosofia da Paisagem**. Tradução de Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

FARACO, C. A. Um Linguista e a Literatura. In: BRAIT, B. **Literatura e Outras Linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 31-33.

FRIEDMAN, N. **O que Faz um Conto Ser Curto?** Tradução de Marta Cavalcanti de Barros. Revista USP, São Paulo, n. 63, p. 219-230, set./nov. 2004.

GARCÍA, F. O 'Insólito' na Narrativa Ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCÍA, F. (Org.). **A Banalização do Insólito**: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

JOLLES, A. **Formas Simples**: legenda, saga, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KLEIMAN, A.; VIANNA, C. A. D.; DE GRANDE, P. B. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. **Calidoscópio**, v. 17, n. 4, dez., 2019. Número Especial.

KRAEMER, M. A. D. **Reflexão sobre o Trabalho Docente**: o conhecimento construído na formação continuada e a prática pedagógica. Santa Rosa, RS: FEMA, 2014.

LIMA, M. C. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. 2. ed. ver. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008.



MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P.. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

REIS, L. M. **O Que É Conto?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

REUTER, Y. (1996). **Introdução à Análise do Romance**. Tradução de Angela Bergamini, Milton Arruda, Neide Sette e Clemence Jouët-Pastré. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TELLES, L. F. (1970). **Antes do Baile Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (*Coleção Lygia Fagundes Telles*).

VOLOCHÍNOV, M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.